Entre a Morfologia e a Sintaxe: a formação de nomes deverbais em *–da* em Português Europeu[1]

O objetivo do texto é analisar a formação de nomes deverbais em *–da* em Português Europeu (PE) e explorar a ideia de que tal processo de formação está ligado ao particípio dos verbos, devendo o sufixo *–da* ser analisado em duas componentes: *-d*, forma do particípio propriamente dito e expressão da categoria verbal Asp, e *-a*, um morfema nominal em que o feminino está estreitamente ligado ao traço de evento.

O texto está organizado do seguinte modo: no ponto 1. faz-se uma breve introdução ao problema, destacando-se em particular a estrutura argumental dos verbos que podem dar origem a nomes em *–da*; em 2. analisa-se a estrutura de evento dos verbos que podem servir de base a este tipo de nomes e refere-se a combinação com verbos leves; no ponto 3. discute-se a relação entre os nomes em *–da* e o particípio; no ponto 4. esboça-se um tratamento sintático deste tipo de formação e em 5. tecem-se algumas conclusões.

1. Estrutura argumental dos verbos na base de nomes em *–da*

Em Português (assim como em Espanhol), é possível formar nomes em *–da*, como em *a chegada* (1), em *-do*, como em *o bronzeado* (2), e em *-ada,* como em *a cabeçada* (3).

(1) *a chegada*
(2) *o bronzeado*
(3) *a cabeçada*

Na história dos estudos morfológicos as soluções propostas para dar conta da relação entre estas formas têm sido fundamentalmente três: (i) o sufixo é *-ada*, sem qualquer ligação ao particípio verbal; (ii) o sufixo *-do /-da* está relacionado com o particípio e a vogal inicial *-a* ou *-i* é a vogal temática; (iii) há um sufixo zero.[2] Cunha / Cintra (1984, 96), Vilela (1994) e Scher (2006) referem-se apenas a *-ada* como sufixo denominal, esquecendo a formação de nominais deverbais em *–da*. Pelo contrário, Said Ali

---

[1] Este texto é uma versão mais curta e ligeiramente alterada do meu texto apresentado no *XXVIII Encontro Nacional da APL*, que teve lugar em Faro, 25-27 de Outubro de 2012; agradeço a Alexandra Rodrigues, a um revisor anónimo e à audiência do referido Encontro, assim como à do *Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Nancy, 15 - 20 Julho 2013, as sugestões e os comentários. Os erros são da minha responsabilidade.

[2] Cf. Lacuesta / Gisbert (1999, 4540).

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

(1964) afirma que muitas línguas românicas fizeram uma "adaptação semântica do particípio do pretérito de certos verbos" (pp. 238-9). Na mesma linha, Beniers (1998), para o espanhol, afirma que na derivação pós-verbal o sufixo é apenas *–da*, enquanto na derivação pós-nominal a forma é *-ada* (e suas variantes *-ato, -ata*), acrescentando que nos derivados pós-verbais alternam as formas *-ada* e *-ida* de acordo com a diferente vogal temática. Do mesmo modo, Rodrigues (2013, 171-2) mostra que o sufixo que permite derivar nomes deverbais é *–da* e que as formas *–ada* e *–ida* se devem à vogal temática.

Neste texto vamos adotar esta posição e considerar que *–da* é um sufixo que forma nomes deverbais nas duas línguas e *-ada* um sufixo que tanto pode formar nomes a partir de outros nomes (*cabeça-cabeçada*) como nomes a partir de nomes através de um verbo / raiz verbal (*martelo-martelar-martelada*) (cf. também Rio-Torto 2013).

Mas importa perceber que tipo de bases verbais pode dar origem a nomes em *–da*.

A análise conduzida por Vieira (2010) para o Português Europeu (PE) permitiu mostrar que é possível formar nominais em *–da* a partir de vários tipos de verbos:

(4) a) verbos transitivos que normalmente selecionam DP como seu argumento interno: *comida*; *bebida*; *olhada*; *ferida*; *calçada*; *velada*; *chamada*; *queimada*; *medida*; *tomada*; *retirada*;
b) verbos transitivos que selecionam argumentos oblíquos: *morada*; *investida*; *pousada*;
c) verbos inergativos: *corrida*; *caminhada*; *dormida*;
d) verbos inacusativos de movimento inerente: *vinda*; *chegada*; *ida*; *saída*; *descida*; *entrada;*
e) um verbo predicativo e estativo, *estar*: *estada* (embora *estadia* seja mais frequente).

Os exemplos (5)-(9) ilustram nomes derivados de V transitivo (*tomar - tomada*) (5), de um V intransitivo que pode ser usado transitivamente (*correr - corrida*) ((6) e (7)), de um V inergativo (*caminhar - caminhada*) (8) e de um V estativo (*estar - estada*) (9) (exemplos de Vieira 2010):

(5) A tomada das favelas por traficantes durou anos.
(6) A corrida da maratona pelos atletas portugueses ocorreu no último fim de semana.
(7) A corrida dos atletas portugueses ocorreu no último fim de semana.
(8) A caminhada dos idosos ao parque durante a manhã foi bastante agradável.
(9) A estada do Presidente da República em França alegrou a comunidade portuguesa.

Igualmente Rodrigues (2013, 171-2) propõe que bases transitivas (*debulhar-debulhada)*, inergativas (*chiar-chiada*) e inacusativas (*cair-caída*) permitem formar nomes em *–da*, «codificando a identificação de uma ocorrência eventiva destacada do todo referencial.»

Em Espanhol há alguns verbos que dão origem a nomes deverbais em *–da* e em *–miento*: *recoger,* um verbo télico, permite derivar *recogimiento* e *recogida*, sem alteração nas propriedades aspetuais; por isso, Fábregas (2010) propõe que a escolha de diferentes sufixos de evento tem uma explicação sintática e semântica, relacionada com a estrutura argumental dos verbos, mais do que com a telicidade / não

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

telicidade da base verbal. Assim, o autor mostra que os verbos de mudança de estado como *pelar, broncear, bordar*, que têm temas incrementais (no modelo de Ramchand 2008 "objetos trajetórias rematicas"), têm nominalizações em *-do* e não em *-miento*: *pelado* / **pelamiento*; *bronceado* / **bronceamento*, *bordado* / **bordamiento*.

Pelo contrário, verbos de mudança de estado que não selecionam uma trajetória rematica e que requerem como objeto um "undergoer", como *ocultar*, *procesar, recibir, someter, silenciar*, etc., têm nominalizações em *-miento* e não em *-do/-da*: *ocultamento* / ** ocultado*; *procesamiento* / ** processado*; *recebimento* / ** recebido*; s*ometimiento* / ** sometido*; *silenciamiento* / ** silenciado*.

Vamos ver se em Português estas propostas vão no mesmo sentido. Tomemos o caso de um verbo como *tomar*:

(10) tomar a favela / a tomada da favela

Este verbo pode ser considerado de mudança de estado, em que "a mudança é medida em relação a um argumento interno" (Fábregas 2010, 71, minha tradução). Como mostra o exemplo (11), advérbios / adjetivos quantificacionais podem combinar-se com este tipo de verbo ou com a nominalização correspondente:

(11) tomar a favela parcialmente / a parcial tomada da favela

Nos verbos que se associam a *–da* há também verbos inergativos como *dormir, caminhar*, tipicamente considerados intransitivos; na realidade, estes verbos podem selecionar objetos cognatos (nominais ou preposicionais), como em (12):

(12) (a) dormir um bom sono
(b) caminhar por um caminho longo / uma caminhada por um longo caminho

Outros verbos definem explicitamente uma trajetória rematica, para usar a terminologia de Ramchand (2008), como é o caso dos verbos de movimento inerente (20):

(13) (a) chegar à cidade / a chegada à cidade
(b) entrar no barco / a entrada no barco
(c) partir para Paris / a partida para Paris

Olhando para a lista em (4), há um verbo que permite uma nominalização em *-da* e que é diferente dos anteriores. É o verbo *estar*, um V predicativo, estativo, que forma *estada* ou *estadia* e em que o verbo base seleciona uma oração pequena.

(14) Durante a sua estada no Brasil, o presidente conheceu alguns atores famosos (Vieira 2010)
(15) A estada do Presidente da República em França alegrou a comunidade portuguesa (*idem*).

Estar é um verbo predicativo. O que haverá de comum entre *estar* e *chegar, entrar,* mas também *tomar, investir*? E o que é que o diferencia de *ser*? Brucart (2012), numa interessante análise sintática e semântica sobre a distinção *ser* / *estar* em Português, Espanhol e Catalão em construções de localização, propõe que o V *estar* induz uma interpretação de trajetória abstrata e funciona como verbo estativo que contém um traço interpretável de coincidência terminal (e por isso se junta frequentemente com a

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

preposição *em*), enquanto o V *ser* é o copulativo por defeito, que aparece sempre que o termo relacionante atributivo não necessita de validar um traço não interpretável.

Em síntese, a proposta de Fábregas, que faz uso da noção de verbos de mudança de estado, no sentido em que a mudança é medida em relação a um argumento interno, combinada com a proposta de Ramchand de «trajetória remática» parece dar conta dos verbos que permitem nominalizações em *–da* em Espanhol e em Português.

2. Estrutura de evento dos verbos na base de nomes em *–da* e combinação com verbos leves

Como Fábregas (2010) já sugere para o Espanhol e Brito (2008) e Vieira (2010) para o Português, os nomes deverbais em *–da* podem ser derivados de verbos de processo culminado (*tomar*) (16), verbos de processo (*correr, caminhar*) (17), verbos de culminação (*entrar*) (18) e mesmo um V de *estado* (*estar*) (19):

(16) A tomada da favela pela polícia numa só semana foi surpreendente. (processo culminado)
(17) A caminhada de / durante trinta minutos fez-me bem. (processo)
(18) A entrada do exército às 10h foi uma decisão do presidente. (culminação)
(19) A estada do Presidente no Brasil em 2011 correu bem. (estado).

Quer dizer, a estrutura de evento associada aos verbos não é um fator determinante na construção de nominalizações deverbais em *–da* e o valor fundamental de *–da* é o de exprimir, sob a forma nominal, uma situação, geralmente eventiva, mas também um estado.

Espera-se destes nomes deverbais que não combinem facilmente com artigo indefinido nem demonstrativo, como é visível em (20) (cf. Grimshaw 1990):

(20) (a) * ? Uma / esta tomada da favela pela polícia demorou uma semana.
(b) * ? Uma / esta chegada dos exércitos foi surpreendente.

Por sua vez também não pluralizam facilmente (21a, c):

(21) (a) * ? As chegadas dos exércitos foram surpreendentes.
(b) A chegada dos exércitos foi surpreendente.
(c) *? As tomadas das favelas pela polícia demoraram uma semana.
(d) A tomada da favela pela polícia demorou uma semana.

No entanto, Van Hout (1991), Brito & Oliveira (1997), Picallo (1999), Sleeman & Brito (2010), entre outros, mostraram que, em certas circunstâncias, mesmo um N de evento pode ser pluralizado, pode ser acompanhado por indefinido e demonstrativo e que o tratamento clássico de Grimshaw (1990) tem limites. Independentemente desse facto, neste momento o importante é notar que tanto as restrições sobre a seleção de determinante como a pluralidade afetam por igual nomes derivados de bases télicas e não télicas, como é visível pelos exemplos (20) e (21).[3]

[3] Para dar conta dos nomes deverbais e das suas interpretações eventivas e resultativas, Resnik (2010) propõe, no quadro da Morfologia Distribuída, que há dois lugares na estrutura para

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

Um aspeto importante dos nomes deverbais é o facto de se poderem combinar com os verbos leves *fazer*, *dar* e *ter* e, nesse caso, aceitam bem o indefinido, como é visível nos exemplos (22), (23) e (24) (Gonçalves *et al*. 2010):

(22) O João fez uma caminhada.
(23) O João deu uma corrida.
(24) O João teve uma chegada atribulada.

Essa combinação opera com *fazer* e com *dar* com nomes de processo (*fazer uma caminhada, dar uma corrida*), e com *ter* com nomes de culminação (*ter uma chegada atribulada*), desde que haja um modificador adjetival.

Por que razão então não são gramaticais no PE combinações de *fazer* e *dar* com nomes de processo como *lida*, embora possíveis no Português Brasileiro (PB)?

(25) dar uma lida (* PE; ok PB)

Rodrigues (2013: 173) mostra que o sufixo *–da* em PE não tem o traço [rapidez], ao contrário do que acontece em PB. Para a autora, o sufixo *–da* tem a especificidade de "individualização do evento, que está na origem de semantismos como 'porção', também presente em *-dur(a)*." E acrescenta: "Ainda que alguns nomes denotem 'evento rápido e negligentemente efetuado', como é o caso de *olhada*, este não é um traço inerente a *–da* no PE, como o atestam os exemplos de *lavrada*, *malhada*."

Em PE o traço [rapidez] parece estar mais associado ao sufixo *-dela* e por isso vamos encontrá-lo em combinações com o verbo leve *dar* (*dar uma olhadela*, *dar uma trincadela, dar uma piscadela*) (cf. Rodrigues 2013, 174, Cordeiro 2010).

a expressão do traço [+/-delimitado], para explicar a natureza dos nomes deverbais. Esses lugares são Asp e n, havendo por isso quatro possibilidades combinatórias: (a) Asp [+del] *n* [+del]; (b) Asp [-del] *n* [+del]; (c) Asp [+del] *n* [-del]; (d) Asp [-del] *n* [-del]. Segundo Resnik, só as duas últimas correspondem a nominalizações eventivas, porque, embora possam derivar de raízes télicas ou não télicas, são equivalentes a nomes massivos, não contáveis, e, por isso, dificilmente pluralizáveis e dificilmente combináveis com indefinido e demonstrativo. Quanto às nominalizações de resultado, de caráter não eventivo, a autora sugere que, à semelhança dos nomes não deverbais, sejam [-e(vento)], com um valor sempre positivo para [del], dado o carácter de nomes contáveis (Resnik 2010, 413-14). Como vimos acima, os nomes deverbais em *–da* não alteram substancialmente a natureza aspetual das bases de que derivam e, portanto, afastamo-nos parcialmente da proposta desta autora. Além do mais, os valores das nominalizações deverbais não se esgotam nos valores evento e resultado (ver Van Hout 1991, Brito / Oliveira 1997, Picallo 1991, 1999, Sleeman / Brito 2010, entre outros). Por outro lado, como vamos ver a seguir, quando combinados com verbos leves, os nomes deverbais surgem com indefinido ou demonstrativo e são pluralizáveis, o que mostra que o valor do traço delimitado é muito provavelmente não especificado, sendo o contexto que atribui um valor positivo ou negativo a esse traço.

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

3. Os nomes deverbais em *–da* e o particípio passado

Como vimos em 1. a aproximação entre os nomes deverbais em *–da* ao particípio passado foi proposta, para o Português, por Said Ali (1964); para o Espanhol, Bordelois (1993) e Fábregas (2010), entre outros, também a sugerem.

O particípio tanto pode surgir com valor puramente verbal, como nos tempos compostos (26), como pode ter valor adjetival (27) e (28):

(26) O soldado tinha ferido um companheiro sem saber.
(27) O companheiro estava muito ferido.
(28) O companheiro ficou muito ferido.

Por sua vez, muitas destas formas participiais / adjetivais podem ser convertidas em nomes, por elipse nominal:

(29) Os feridos foram transportados para o hospital.

Na realidade, as formas masculinas são muitas vezes ambíguas entre duas interpretações, que correspondem a estruturas sintáticas e a "histórias" derivacionais distintas.

(i) há nomes em *-do* que podem ser resultado de elipse nominal; é o que acontece nos exemplos (30), sendo sempre possível ter um nome realizado, como em (31):

(30) a) O bronzeado fica-te bem.
b) Os queimados foram conduzidos para outro hospital.
c) Os viciados não deixam de fumar.

(31) a) o tom bronzeado
b) o corpo queimado
c) um homem viciado

Em casos como (30b, c), uma elipse nominal no plural, temos aquilo a que Kester (1996) chamou a «construção humana». O que importa é que no caso de elipse nominal não temos uma nominalização deverbal propriamente dita, mas um caso de conversão de um particípio de valor adjetival em nome.

(ii) há nomes em *-do* que não parecem ser resultado de elipse nominal, como é o caso de *o bordado, o tornado, o finado, o legado, o achado, o cercado, o passado, o partido, o vestido, o sentido* e muitos dos exemplos apresentados por Said Ali, que vimos em 1.

É verdade que também neste segundo caso podemos ter, por vezes, duas interpretações e duas estruturas sintáticas distintas, como acontece com *o bordado*, pois tanto pode tratar-se de nome de uma entidade, resultado de uma nominalização, como em (32), como pode tratar-se de uma elipse nominal, como em (33):

(32) Comprei um lindo bordado.
(33) Na loja vi dois tecidos, um liso, outro bordado, trouxe o bordado.

No caso dos exemplos em (ii) estamos, portanto, mais longe do particípio dos verbos do que nos exemplos em (i), confirmando-se a intuição de Said Ali segundo a qual

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

muitas línguas românicas "adaptaram semanticamente" nalguns casos o particípio verbal para dar origem a nomes.[4]

No caso das formas femininas, elas são, em geral, nomes de evento, aparte certos nomes de entidade, como é o caso de *a tomada* (elétrica) ou *a bebida*. O feminino parece, assim, ser um fator fundamental na passagem do particípio para a formação de nomes de evento.[5]

Um argumento adicional a favor da hipótese de que os nomes deverbais em *–da* estão relacionados com o particípio passado é dado por Fábregas (2010): quando os verbos têm duas formas de particípio e uma dela é "irregular" ou quando só têm a forma "irregular", "curta", é esta a forma que dá origem à nominalização. Veja-se em Português (similar ao Espanhol): *a escrita* e não * *a escrevida*.

Sumariando: quer em Português quer em Espanhol é possível formar nomes juntando ao tema verbal as formas *-do* e *–da*, ambas relacionadas com o particípio passado. Mas enquanto as formas masculinas são ambíguas entre um processo de elipse nominal numa construção de base participial / adjetival (e nesse caso temos uma conversão) e um processo de nominalização deverbal, as formas femininas são tipicamente o resultado de um processo de nominalização deverbal a partir da forma feminina do particípio.[6]

4. Uma análise da formação de nomes deverbais

Assumindo a "origem" dos nomes deverbais em *–da* no particípio dos verbos respetivos, e tendo em conta os valores semânticos, torna-se necessário encontrar um tratamento que dê conta das propriedades descritas.

Fábregas (2010) fornece uma explicação sobre a formação deste tipo de nomes deverbais que não difere muito da de Alexiadou (2001, 2004) nem da de Resnik (2010), que trabalham no quadro da Morfologia Distribuída. Com efeito, o autor advoga a favor da inserção acima do tema verbal de um traço nominal por aquilo que ele chama "N embedding" (p. 84), estreitamente ligado ao género, aproximando-se assim das propostas de Picallo (1991), Bordelois (1993), Alexiadou (2004), que, embora em moldes distintos, propõem que o traço de género feminino está estreitamente ligado à formação dos nomes deverbais. Deste modo, o autor explica o caráter híbrido da forma derivada, uma nominalização deverbal; para dar conta do valor aspetual da

[4] Na estrutura sintática dos exemplos em (ii) não temos nó Aspeto e semanticamente não temos nomes de evento; trata-se de nomes de entidade, com o traço [+delimitado], contáveis e pluralizáveis.

[5] O particípio adjetival também pode ter uma forma feminina, mas não é esse o caso que aqui é relevante.

[6] Partindo de Embick (2004) e com base em dados do Inglês e do Neerlandês, Sleeman (2011) propõe que, além dos três tipos classicamente considerados na literatura (estativos, resultativos e eventivos pós-nominais) há um quarto tipo, os particípios eventivos pré-nominais. Duarte & Oliveira (2010), para o Português, propõem que há particípios eventivos, resultativos e estativos.

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

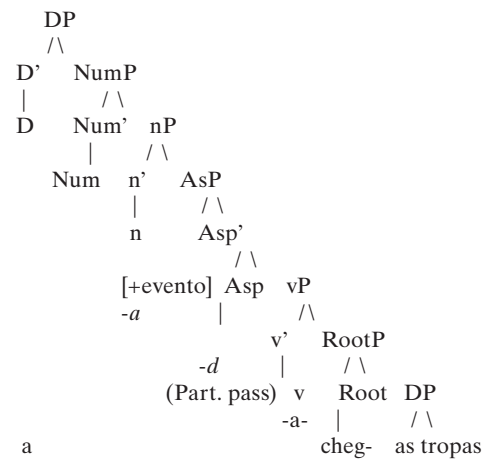
forma obtida (e especificamente da influência do tipo de complemento e de adverbiais temporais) o autor propõe a introdução do nó Asp, a que chama Aspeto Externo, propondo explicitamente que *–d* é o *spell out* da informação aspetual do particípio.

Vamos inspirar-nos em Fábregas (2010), Alexiadou (2001) e Resnik (2010) e adotar um tratamento sintático da formação dos nomes deverbais em *–da*, na linha da Morfologia Distribuída.

Assim, no caso concreto das nominalizações em *–da*, vou propor que uma raiz acategorial se associa à vogal temática, a uma categoria funcional verbal, Asp, neste caso correspondente ao particípio, com traços aspetuais associados, e a uma categoria funcional nominal[7], marcada como evento e feminino: quer dizer, *–da* é o resultado de duas informações, o particípio, *spelled out* como *-d*, uma informação verbal, e uma informação de nome de evento e de feminino, *spelled out* como *-a*.

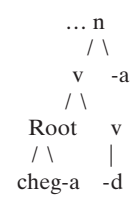
Em (34) descreve-se o processo "derivacional" de uma nominalização em *–da* e a estrutura sintática de um DP tendo como *chegada* o seu "núcleo" (*a chegada das tropas*): [8]

(34)



Dado o movimento da raiz para n, obtém-se a estrutura parcial (35):

(35)



[7] É também na categoria funcional n que outros sufixos nominalizadores são gerados; ver Rodrigues (2008) para uma análise dos sufixos nominais mais importantes.

[8] Os adverbiais de tempo / aspeto são gerados como adjuntos a Asp, justificando a construção de valores aspetuais composicionais.

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

O nome deverbal acabará por mover-se para o núcleo funcional Num, sendo em Esp de n que o complemento *das tropas* verifica a sua informação de genitivo, gerando *a chegada das tropas*.

A questão aspetual não fica esgotada, dado que sabemos que certos nomes deverbais em *–da*, em particular os derivados de verbos de processo culminado, podem por vezes referir um processo (36), um processo culminado (37), um resultado (38) ou mesmo uma entidade concreta (por extensão semântica) (39) (cf. Brito & Oliveira 1997, Brito 2008):

(36) Assistimos à tomada da favela por traficantes durante um ano. (processo)
(37) A tomada da favela pela polícia numa só semana foi surpreendente. (processo culminado)
(38) A tomada da favela trouxe paz à população. (culminação)
(39) Esta tomada (elétrica) está avariada. (entidade)

Na origem destas interpretações estão o tipo de expressões adverbiais e a natureza do predicado da frase; a natureza do complemento é igualmente um fator determinante, uma vez que meros plurais favorecem a leitura de processo (40) e uma descrição definida favorece a leitura de processo culminado ((41) versus (42)):

(40) A tomada de favelas aconteceu durante uma semana. (processo)
(41) ?? A tomada de favelas aconteceu numa semana.
(42) A tomada da favela aconteceu numa semana. (processo culminado).

5. Conclusões

De forma a perceber que tipos de bases verbais aceitam o sufixo *–da* para formar nomes deverbais, discutimos se é a estrutura argumental ou se é a estrutura de evento / a natureza aspetual lexical que determinam essa formação. Aceitámos a ideia de Fábregas (2010) segundo a qual verbos que têm "temas incrementais" (ou, usando a terminologia de Ramchand (2008), "objetos trajetórias rematicas") tendem a associar-se ao sufixo *–da*. A estrutura de evento não é determinante, uma vez que os nomes deverbais em *–da* são derivados a partir de verbos télicos e não télicos e até de um V como *estar*.

De forma a captar as propriedades apontadas, foi esboçado um tratamento da formação de nomes em *–da* de acordo com a Morfologia Distribuída, defendendo-se que *–da* tem duas componentes: *-d*, forma do particípio e expressão da categoria verbal Asp de acordo com os traços semânticos ligados à raiz, e *-a*, um morfema nominal, em que o feminino está estreitamente ligado ao traço de evento.

Universidade do Porto / Centro de Linguística
da Universidade do Porto
(FEDER / POCTI U0022/2003)
Ana Maria BRITO

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

Referências bibliográficas

Alexiadou, Artemis, 2001. *Functional Structure in Nominals. Nominalization and ergativity*. Amsterdam, John Benjamins.

Alexiadou, Artemis, 2004. «Inflection Class, Gender and DP Structure», in: Müller, G. *et al.* (ed.), *Explorations in Nominal Inflection*, Berlin, Mouton de Gruyter, 21-49.

Beniers, Elisabeth, 1998. «El sufijo *-ada* en formaciones postverbales y postnominales en el español de México», in: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguitica e Filologia Romanza*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 75-80.

Bordelois, Ivonne, 1993. «Afijación y estructura temática: *–da* en español», in: Varela Ortega, Soledad (ed.), 1993, *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, 162-179.

Borer, Hagit, 2005. *The normal course of events*, Oxford, Oxford University Press.

Brito, Ana Maria / Oliveira, Fátima, 1997. «Nominalization, aspect and argument structure» in Matos, Gabriela / Miguel, Matilde / Duarte, Inês / Faria, Isabel (eds.), Interfaces in Linguistic Theory, Lisboa: A.P.L./Colibri, 57-80.

Brito, Ana Maria, 2008. «Thematic adjectives with process unaccusative nominals and grammar variation», *Cuadernos de Lingüistica XV 2008*, Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset, 13-32.

Brucart, Juan Maria, 2012. «Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences». *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, FLUP, vol. 7, 9-43.

Cordeiro, Daniela, 2010. «Construção de Predicados Complexos com Verbos Leves e Nominalizações em *–dela*», Trabalho realizado enquanto estudante BI (ms.).

Cunha, Celso / Cintra, Luís Filipe, 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, João Sá da Costa Ed.

Duarte, Inês, 2003. «A família das construções inacusativas», in: Mateus, M.H. *et al*., 2003, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 507-548.

Duarte, Inês / Oliveira, Fátima, 2010. «Particípios resultativos», in: Brito, Ana Maria / Silva, Fátima, Veloso, João / Fiéis, Alexandra (eds.) *Textos Selecionados. XXV Encontro Nacional da APL*, Porto, 397-408.

Embick, David, 2004. «On the Structure of Resultative Predicates in English». *Linguistic Inquiry* 35 (3), 355-392.

Fábregas, Antonio, 2010. «A syntactic account of affix rivalry in Spanish», in: Alexiadou, Artemis / Rathert, Monika (ed.) *The syntax of nominalizations across languages and frameworks*. Berlin, De Gruyter Mouton, 67-91.

Gonçalves, Anabela *et al*., 2010. «Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva», in: Brito, Ana Maria / Silva, Fátima / Veloso, João / Fiéis, Alexandra (eds.) *Textos Selecionados. XXV Encontro Nacional da APL*, Porto, 449-464.

Grimshaw, Jane, 1990. *Argument Structure*, Cambridge, The MIT Press.

Kester, Ellen –Petra, 1996. *The nature of Adjetival Inflection*. Tese de PhD., Universidade de Utrecht.

Lacuesta, Ramon Santiago / Gisbert, Eugenio Bustos, 1999. «La derivación Nominal», in: Bosque, Ignacio / Demonte, Violeta (ed.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española,* vol. 3, 4505-4594.

Picallo, Carme, 1991. «Nominals and nominalizations in Catalan», *Probus* 3, 279-316.

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)

Picallo, Carme, 1999. «Las estrutura del sintagma nominal: Las nominalizaciones y otros substantivos com complementos argumentales», in: Bosque, Ignacio / Demonte, Violeta (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Espasa, Vol. I, 363-393.

Ramchand, Gillian, 2008. *Verb Meaning and the Lexicon: A First Phase Syntax*. Cambridge, Cambridge University Press.

Resnik, Gabriela, 2010. «Derivación e interacción de rasgos: la delimitación en nombres y verbos derivados en español», in: *Actas del ENCUENTROGG*, Maestría en Lingüística, Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CDRom, 405-421.

Rio-Torto, Graça, 2013. «Nomes denominais», in: Rio-Torto, G. *et al*. *Gramática Derivacional do Português*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 131-152.

Rodrigues, Alexandra, 2008. *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. München, Lincom.

Rodrigues, Alexandra, 2013. «Nomes deverbais», in: Rio-Torto, G. *et al*. *Gramática Derivacional do Português*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 155-211.

Said Ali, Manuel, 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, S. Paulo, Ed. Melhoramentos.

Scher, Ana Paula, 2006. «Nominalizações em *-ada* em Construções com o Verbo Leve *dar* em Português Brasileiro», *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 41, nº 1, 29-48.

Sleeman, Petra, 2011. «Verbal and adjectival participles: internal structure and position», *Lingua* 121.10, 1569-1587.

Sleeman, Petra / Brito, Ana Maria, 2010. «Nominalization, Event, Aspect, and Argument Structure: a Syntactic approach», in Duguine, Maia / Huidobro, Susana / Madariaga, Nerea (ed.), *Argument Structure and Syntactic relations*, Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins, 113-129.

Van Hout, Angelika, 1991. «Deverbal nominalization, object versus event denoting nominals: implications for argument and event structure», Linguistics in the Netherlands 8, 71-80.

Vieira, Ilda, 2010. «Nominalizações em *–da*: Uma aproximação». *eLingUp*, Centro de Linguística da Universidade do Porto, Volume 2, Número 1, 58-70.

Vilela, Mário, 1994, *Estudos de Lexicologia do Português,* Coimbra, Livraria Almedina.

BDD-V2132 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 23:08:39 UTC)